

Resumo do artigo “Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade: indagações sobre algumas especificidades brasileiras” (FERREIRA, 2002)

Gustavo Pacheco

Entre os anos 1960 e 1980, a maioria das construções sociais sobre o rural sugeria o seu desaparecimento acelerado. Havia teorias, como da urbanização societária e da artificialização da agricultura, veiculando concepções segundo as quais a produção rural abandonaria a base natural-rural com seus componentes arcaicos.

Estas visões nas ciências sociais sobre o desaparecimento do rural consideravam a hegemonia do industrialismo e da urbanização na civilização moderna, tendo se conformado no auge da modernização da agricultura. Nessa época, identificava-se o esvaziamento do rural, provocando o declínio do seu peso demográfico em diferentes países e a diminuição da participação da agricultura no PIB com sua subordinação crescente à indústria.

A partir da década de 90, as ciências sociais passam notadamente a considerar os territórios rurais como espaços susceptíveis de reformas sociais inclusivas e como base para se repensar a qualidade de vida na contemporaneidade. Essa nova visão se baseava em dados indicando que, em vários países, ocorriam processos de recomposição dos espaços rurais. Por outro lado, emergem movimentos sociais que criticam as políticas rurais e agrícolas baseadas no modelo de desenvolvimento modernizador. A noção de “renascimento rural” (KAYSER, 1990) marca bem esta nova perspectiva.

As principais características do “renascimento rural” nos países de capitalismo avançado são a revitalização demográfica que, em certos países e regiões, revela crescimento rural superior aquele de muitos centros urbanos. O rural se torna lugar

de residência para trabalhadores com ocupações urbanas e aposentados. Por outro lado, famílias de agricultores são crescentemente pluriativas. Desse modo, o rural pode mesmo ser pensado como um território do futuro, oferecendo respostas pertinentes à crise de emprego e à deterioração da qualidade de vida em grandes centros urbanos.

No Brasil, os agricultores tem se esforçado para viabilizar sua permanência no rural e na agricultura através de reivindicação, luta e organização, fundadas em grande medida em novas propostas produtivas. Também cresce a diversificação no meio rural com a integração de atividades não agrícolas nos estabelecimentos rurais e com o aumento de uma população rural não agrícola.

O espaço rural e as pequenas cidades passaram a ser espaço residencial para uma parte da população que trabalha na cidade e também para aposentados. No entanto, por uma questão de mobilidade e de acesso a serviços, esse fenômeno se restringe às áreas mais próximas das grandes e médias cidades. O espaço rural passa igualmente a ser lugar de lazer, podendo contribuir com o “renascimento” de localidades, sobretudo aquelas não muito distantes dos grandes centros urbanos.

O conceito do rural como território do futuro também está ligado à questão ambiental, com agricultores participando crescentemente de debates neste campo. Essa mudança é evidente, por exemplo, no discurso do MST que, originalmente, não incorporava questões ecológicas e hoje veicula o tema ambiental como central em sua perspectiva programática. De fato, o MST vem crescentemente incorporando a crítica contra as técnicas da agricultura moderna e tem encorajado os seus militantes a adotar práticas agrícolas menos agressivas e mais conservacionistas do solo e recursos naturais.

Enfim, a mobilização dos sem-terra e assentamentos rurais no Brasil demonstra como o rural pode ser pensado como o território do futuro pela sua potencialidade para uma política de combate à fome e à exclusão social, oferecendo alimentos produzidos de forma agroecológica para a população urbana.

Referências

FERREIRA, Angela Duarte Damasceno (2002), “Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade: indagações sobre algumas especificidades brasileiras”, **Estudos sociedade e agricultura**, nº 18, Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, pp. 28-46.

KAYSER, Bernard (1990), **La renaissance rurale**: sociologie des campagnes du monde occidental. Paris: Armand Colin.